

# Risco-país avança para 1.924 pontos após confirmação da subida de Lula

VALOR ECONÔMICO

De São Paulo

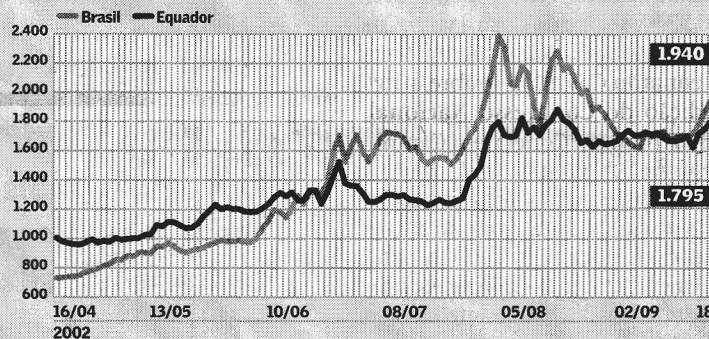
19 SET 2002

Economia

## Brasil e Equador

Prêmio de risco \* - em pontos-base

Brasil



Fonte: Bloomberg e Valor Pesquisa Econômica \* EMBI+, calculado pelo JP Morgan, às 19h00.

A confirmação da alta de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e da estagnação de José Serra (PSDB), em pesquisas divulgadas pelo Ibope e pelo Vox Populi, fez com o que volume de negócios com títulos da dívida externa continuasse a subir ontem. Mas o efeito do número maior de transações não foi bom: o C-Bond caía 3,24%, a US\$ 0,5507 e com prêmio de risco de 1.924 pontos-base. Já o risco-país voltou a aproximar-se da barreira psicológica dos 2.000 pontos-base e encerrou o dia em alta de 3,91%, em 1.940 pontos-base — o risco-Equador teve alta de 2,45% e fechou em 1.795 pontos-base.

O mercado atribui a desvalorização às incertezas de uma possível “governo Lula” e ainda que o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) permita uma transição presidencial com “as contas externas tranquilas”, nas palavras do diretor para a América Latina da Sterling Financial, Marcelo Fleury, o movimento de queda nos próximos dias parece inevitável, uma vez que as “dívidas reaparecem”.

Até agora, e desde que o BC enxugou o mercado, os títulos de

curto prazo não acompanhavam as oscilações do C-Bond. Mas ontem o Global 04 também registrou forte queda: era negociado a US\$ 0,8950, em desvalorização de 2,98% e com prêmio de risco de 1.773 pontos.

De acordo com um corretor, o volume de transações com C-Bond em um dia costuma girar entre US\$ 400 e 500 milhões em dias “normais”. Entre o final de agosto e o começo de setembro, a movimentação de papéis caiu sensivelmente devido às férias de verão nos Estados Unidos, mas com os “últimos investidores que apostaram em segundo turno diminuindo ou liquidando posi-

ções” o volume volta a subir.

Apesar de o Banco Central ter optado pela manutenção da Selic em reunião finalizada ontem — decisão criticada por alguns economistas-chefes e por representantes da indústria e comércio — o “estresse” no mercado de dívida secundário é todo creditado ao medo da mudança representada por Lula. “O Copom trouxe mau humor na hora do anúncio, mas não impactou pois ninguém esperava nada diferente”, relatou uma fonte. Fleury, da Sterling, considera prudente a decisão do BC de manter os juros e retirar o viés, “final, a volatilidade tende a aumentar”. (P.F.)